

Artur Anselmo

**HENRI-JEAN MARTIN,
PIONEIRO DA HISTÓRIA DO LIVRO**



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

FICHA TÉCNICA

TÍTULO

HENRI-JEAN MARTIN, PIONEIRO DA HISTÓRIA DO LIVRO

AUTOR

ARTUR ANSELMO

EDITOR

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

EDIÇÃO

ANTÓNIO SANTOS TEIXEIRA
SUSANA PATRÍCIO MARQUES

ISBN

978-972-623-201-8

ORGANIZAÇÃO



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

Academia das Ciências de Lisboa

R. Academia das Ciências, 19

1249-122 LISBOA

Telefone: 213219730

Correio Eletrónico: geral@acad-ciencias.pt

Internet: www.acad-ciencias.pt

Copyright © Academia das Ciências de Lisboa (ACL), 2015

Proibida a reprodução, no todo ou em parte, por qualquer meio, sem autorização do Editor

HENRI-JEAN MARTIN, PIONEIRO DA HISTÓRIA DO LIVRO

Artur Anselmo

Poucas vezes a palavra *pioneiro* terá sido tão apropriada para qualificar o esforço de um investigador no seu domínio científico. De facto, seja qual for o ângulo de visão em que nos coloquemos — histórico, sociológico ou simplesmente metodológico —, sempre Henri-Jean Martin, que há um ano partiu deste mundo, nos aparece como o pioneiro indiscutível e prestigioso dos estudos de História do Livro. É certo que Lucien Febvre o precedeu em numerosas pistas de trabalho, nomeadamente na consideração do livro, ao mesmo tempo, como mercadoria e como fermento cultural; mas Febvre, que por várias vezes chamou *terra incognita* à então incipiente História do Livro, ficou, como Moisés, à vista da Terra da Promissão. Coube ao discípulo predilecto dos seus últimos anos de vida, Henri-Jean Martin, assumir o papel de Josué, descobrir o caminho para a terra de Canaã e lançar os fundamentos da ponte entre o incógnito e o pressentido.

À semelhança do que sucede em qualquer ramo científico, o processo de construção de um espaço autónomo nunca surge por acaso. À indefinição dos primeiros passos, geralmente marcada pelo cepticismo da comunidade científica — quando não, pela animosidade ou a obstrução —, segue-se um período de realizações concretas, durante o qual se firmam créditos e se apagam resistências; por fim, com uma naturalidade que chega a espantar os próprios interessados no êxito da nova disciplina, sobrevêm os acertos e as propostas de alargamento: é a hora, então, de se reforçar a autonomia científica que já ninguém contesta.

Passou-se com a História do Livro o mesmo que ocorreu, desde Descartes, com um número considerável de ciências humanas e sociais, incluindo aquelas que se rotularam, por comodidade do espírito mnemotécnico, de «ciências auxiliares da História». No vaivém das ondas e das modas, foram perdendo força e autonomia palavras como Diplomática, Filologia ou Ecdótica, mas nem por isso deixou de se estudar documentos, penetrar nos mistérios das línguas ou estabelecer a genealogia de textos corrompidos pelo uso. Que isto se diga, desde já, para evitarmos cair no logro terminológico das chamadas «ciências novas», entre as quais estaria a História do Livro. Sejamos justos: excelentes trabalhos de bibliografia e bibliofilia inserem-se no âmbito da História do Livro sem que provenham deste ramo especializado.

É geralmente sabido que os primeiros estudos de Henri-Jean Martin acerca de impressores e livreiros seiscentistas retiveram a atenção de Lucien Febvre, a tal ponto que este convidou o então jovem bibliotecário a colaborar consigo na redacção do volume sobre o Livro na colecção «L'évolution de l'Humanité», dirigida por Henri Berr: daí nasceu a famosa obra *L'apparition du Livre*, publicada em 1958, dois anos após o

falecimento de Lucien Febvre. Sabe-se igualmente que há um fio de continuidade a ligar estes três homens: Berr, o director do Centre International de Synthèse e grande impulsionador da colecção enciclopédica da editora Albin Michel; Febvre, o fundador dos *Annales* e animador da *Encyclopédie Française*, antes de se tornar famoso com o seu *Rabelais*, obra cimeira do pensamento europeu; e Martin, cuja persistência, tenacidade e invulgar predisposição para os estudos históricos estiveram na origem do seu êxito científico.

Para Henri Berr, nenhuma síntese histórica poderia ser alcançada sem o conhecimento interactivo das causalidades: “*S’il y a, dans le réel—* escrevia ele em 1935 — *des catégories de causes diverses qu’il importe de bien distinguer, la science plénière des faits humains du passé, la synthèse, ne comporte pas exclusion de telle ou telle catégorie de causes; elle consiste, au contraire, dans l’étude du rapport, ou de l’interaction, des causalités diverses*” (*L’Histoire traditionnelle et la synthèse historique*, 1935, pág. 50).

Em Lucien Febvre, a síntese histórica não seria nunca uma tarefa redutora ou até anuladora das diferenças: “*La perception des différences—* sublinhava num dos seus primeiros textos, de 1913 — *est aussi instructive, pour le moins, que celle des ressemblances. Il ne faut pas être dupe, jamais, de l’illusion d’une fausse unité de caractère... Notre nature est tissée de contradictions, au moins autant que d’harmonies*” (*Revue de Synthèse historique*, tomo 27, pág. 6).

Enfim, para Henri-Jean Martin, toda a síntese histórica deveria fundar-se na evolução das mentalidades: “*L’évolution qui m ’interesse est celle des faits de civilisation: l’évolution des habitudes mentales et les modifications de l’outillage mental* (*Les métamorphoses du livre*, 2004, pág. 66).

A publicação de *L’apparition du Livre*, em 1958, não teve repercussão significativa no meio universitário. Em contrapartida, alguns bibliotecários e bibliógrafos, assim como investigadores tocados pelas novas correntes da História Económica e Social, começaram a afluír aos cursos de História e Civilização do Livro, dirigidos por Henri-Jean Martin na 4ª Secção da École Pratique des Hautes Études, em Paris, os quais se prolongaram durante cerca de trinta anos. Vem a propósito lembrar que Martin tinha formação de arquivista-paleógrafo e de bibliotecário, adquirida na École Nationale de Chartes, estabelecimento modelar do Ensino Superior francês, desde sempre acusado de tradicionalismo mas saudavelmente responsável pela solidez cultural e técnica de alguns dos melhores bibliotecários e conservadores da Europa. A sua experiência profissional nos Reservados da Biblioteca Nacional e de conservador-chefe da Biblioteca Municipal de Lyon permitira-lhe conviver de perto com os temas que hoje atraem particularmente os investigadores, tais como a censura ideológica, a clandestinidade editorial e livreira, a preservação das espécies raras, o restauro, a encadernação, a gravura, o papel, o fabrico e a tipologia dos caracteres tipográficos; e,

acima de tudo, a presença constante do mundo das ideias na materialidade mais ou menos espessa de um objecto que designamos por «livro».

Antes de recorrer a Henri-Jean Martin para o coadjuvar na redacção de *L'apparition du Livre*, Lucien Febvre, em acordo com Henri Berr, tinha sondado o seu velho amigo e condiscípulo Augustin Renaudet sobre a possibilidade de este se encarregar integralmente de levar por diante o projecto. Renaudet, porem, mais empenhado na reedição do seu admirável estudo sobre *Pré-réforme et humanisme à Paris*, não parecia atraído pelo tema. Então, Febvre chamou a si a responsabilidade da tarefa, mas, vendo que, jubilado da Universidade, outros compromissos lhe consumiam o tempo, passou o plano da obra para Martin, a fim de que este redigisse o texto. Ao contrário do que poderia supor-se, embora Renaudet não fosse, em rigor, um «historiador do livro», deixou nas suas obras e nos apontamentos das suas lições magistrais um imenso capital metodológico, que o próprio Henri-Jean Martin fez questão de valorizar quando, em 2004, aceitou responder a uma grande entrevista sobre a sua carreira de investigador: “*La lecture de Renaudet a rappelé au catalogueur de livres anciens que j'étais à la Bibliothèque Nationale qu'un historien du livre ne doit pas se contenter d'étudier les conditions dans lesquelles les livres sont édités, et leurs formes matérielles, mais que les idées qui y sont exprimées et la logique les inspirant doivent aussi entrer dans son champ de vision, s'il veut passer d'une pure description à un véritable travail de compréhension d'une époque donnée.*” (*Les métamorphoses...*, pág. 64).

Nestas palavras se contém o essencial do trabalho de Martin ao longo de meio século de actividade científica. Hoje, quando a História do Livro se autonomizou, talvez seja oportuno sublinhar a importância de utensilagens científicas afins, como a Bibliografia, a Bibliologia, a História Económica, a História das Mentalidades, sem esquecer a preparação técnica que se adquire na Bibliografia Material, designação usada internacionalmente para significar o conjunto das questões suscitadas pela fundição de caracteres, a composição, a paginação, a impressão, a iconografia, o papel e os acabamentos. Sem boa formação nestes domínios tão variados, sem competência para avaliação dos factores económicos, sociais e culturais que intervêm na edição de qualquer texto, muito dificilmente poderá fazer-se História do Livro, se bem que excelentes contribuições da História Cultural, *lato sensu*, em torno de espécies bibliográficas marcantes (de uma época, de um país, de um autor), não devam nunca ser minimizadas pelo historiador do livro. Os discípulos de Henri-Jean Martin lembram-se certamente da estima que o mestre votava a certas obras clássicas da cultura contemporânea, como o *Rabelais*, de Lucien Febvre, ou *A crise da consciência europeia*, de Paul Hazard. Mais ainda: o que distingue o verdadeiro historiador do livro de qualquer outro investigador do mundo editorial e livreiro é tão-somente a capacidade de articulação entre o texto e a sua circunstância, entre a palavra escrita e o fio ideológico que a justifica, a desfigura ou a silencia. Em resumo: não há História do Livro sem textos, sem leituras, sem ideias.

Tentarei seguidamente reconstituir os principais passos da vida científica do Prof. Henri-Jean Martin, desde 1947 (ano em que entrou como bibliotecário na Biblioteca Nacional, então ainda concentrada nas velhas instalações da Rue Richelieu) até 2006 (ano em que publica os seus últimos trabalhos, um dos quais foi apresentado em Portugal, no mês de Outubro de 2005, vindo mais tarde a ser impresso no vol. 21 da revista *Cultura*, órgão do Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa).

De início, Henri-Jean Martin, preocupado fundamentalmente com a estatística da produção livreira — ramo indispensável em História do Livro, hoje nem por isso muito cultivado —, dedicou-se ao estudo de impressores e livreiros parisienses do século XVII, nomeadamente Sébastien Cramoisy, numa perspectiva de História Económica. A seguir, já consagrado como autor dessa obra clássica que é hoje, para nós, *L'apparition du Livre*, vemo-lo interessado no estudo das bibliotecas privadas e dos seus fundos, assim como nos aspectos profissionais da tipografia, na interpretação global da produção impressa por cada oficina, não apenas no ponto de vista económico mas também no plano intelectual: quem editava o quê, quem lia, quem vigiava, quem proibia o quê. Desta fase é a sua tese de doutoramento, publicada em 1969 sob o título *Livre, pouvoirs et société à Paris au XVIIe siècle*.

Nos anos 70, os principais cuidados de Martin vão sobretudo para a leitura propriamente dita, para a Bibliografia Material, para a censura e para a clandestinidade editorial. No estudo dessa teia complicada e multifacetada que é a leitura, revelaram-se de particular utilidade as centenas de inventários *post mortem* dos proprietários de bibliotecas particulares, bem como os livros de contabilidade dos livreiros, entre os quais avultavam os do livreiro Nicolas, de Grenoble. Daí a publicação, em 1977, em colaboração com Micheline Lecoq, da obra *Livres et lecteurs à Grenoble; les registres du libraire Nicolas (1645-1668)*.

Foi precisamente em 1977 que conheci Henri-Jean Martin, frequentando com regularidade o seu seminário das segundas-feiras na École Pratique des Hautes Études. Como encarregados de curso ou assistentes, participavam então na direcção do seminário Roger Chartier, ligado a Martin, desde essa altura, por interesses comuns à volta das práticas de leitura, Jeanne Veyrin-Forrer, especialista em Bibliografia Material e investigadora bem conhecida pelos seus trabalhos acerca do *atelier* quatrocentista da Sorbonne (o primeiro que surgiu em França), Denis Roche, profundo conhecedor das academias regionais do Século das Luzes, e Anne Sauvy, grande autoridade em livros proibidos do século XVII. O público habitual do seminário era muito variado: incluía doutorandos em Ciências Humanas e Sociais, livreiros, editores, mas também arquivistas, bibliotecários, paleógrafos, diplomatas (*chartistes*, em francês), sem esquecer um especialista em cultura arménia, outro em cultura persa, um ou dois hebraístas, além de vários bolseiros norte-americanos. Em regra, uma vez por mês, um de nós apresentava o resultado das suas pesquisas. Com o seu temperamento inquieto e não raro mordaz, o mestre (ou «o mandarim», como jocosamente se auto-intitulava) a

todos ouvia com atenção, a todos aconselhava novas pistas, a todos, enfim, estimulava com um sorriso que era, aos meus olhos encantados, um tanto de sábio, outro tanto de Gavroche.

Na primeira metade dos anos 80, Henri-Jean Martin dedica-se principalmente à direcção (que partilhou com Roger Chartier) e à redacção de numerosos capítulos da *Histoire de l'édition française*, sem dúvida o fruto mais perfeito da sementeira de ideias, projectos e realizações que o mestre agitou, provocou e fez nascer na equipa, cada vez mais vasta, dos discípulos que formara. Partilho inteiramente da opinião segundo a qual o aspecto mais positivo desta obra monumental (em quatro grossos volumes, que vão desde a Idade Média até 1945) é, porventura, a variedade e a liberdade com que as várias dezenas dos seus colaboradores expõem pontos de vista que chegam a ser, se não diametralmente opostos, pelo menos conflituais e antagónicos. Evidentemente, tratando-se de uma obra colectiva, nem todos os textos saíram como foram escritos; foi preciso submetê-los a uma revisão cuidada e, em muitos casos, acrescentar-lhes dados novos ou cortar repetições, mas quase sempre sem que os autores se queixassem de desvirtuamento das suas ideias próprias. Como salienta o próprio Henri-Jean Martin, “*en matière de sciences humaines, ce qui compte, c'est ce qui sort du cerveau d'un personnage déterminé*” (*Les métamorphoses...*, pág. 203).

Na segunda metade dos anos 80, dois trabalhos da plena maturidade: *Le livre français sous l'Ancien Régime* (1987) e *Histoire et pouvoirs de l'écrit* (1988). A primeira obra, publicada numa altura em que a História do Livro começava a estar na moda, tem especial interesse para os investigadores porque reedita alguns textos do início da carreira de Henri-Jean Martin, hoje de difícil acesso na fonte original, tais como «L'édition parisienne au XVIIe siècle; quelques aspects économiques» (reprodução dos *Annales* de 1952), os ensaios sobre Sébastien Cramoisy (primitivamente dado a lume no *Gutenberg Jahrbuch* de 1957) e Guillaume Desprez (que remonta a 1952), além de vários outros trabalhos fortemente inovadores, abarcando temas tão diversificados como a venda de livros em Paris sob o modelo artesanal setecentista, o Estado francês e o livro no tempo de Richelieu, os livreiros das Luzes e os enciclopedistas, não esquecendo o ensaio sobre «Culture écrite et culture orale», originariamente incluído no *Journal des savants*, em 1975, que é o primeiro grande instrumento de análise da «Bibliothèque Bleue» de Troyes, precursora católica da instrução republicana, laica e conservadora da *Douce France*.

Quanto à *Histoire et pouvoirs de l'écrit*, a primeira ideia que ocorre à mente do leitor atento é a de que obras como esta só se concebem e se escrevem depois de longos anos de investigação e meditação. De facto, abalançar-se alguém a uma história da escrita, na perspectiva da sua difusão e do seu papel ideológico em termos de Poder, supõe um longo convívio com os circuitos da cultura escrita, encarada esta no sentido mais amplo de fixação do saber, desde a pedra e a argila dos caracteres cuneiformes até aos símbolos hieroglíficos em papiro, aos manuscritos em pergaminho e papel, à letra impressa em tipografia, ao livro electrónico, enfim. “*Et ce fut donc peu à peu* — diria

mais tarde o autor — *que je me rendis compte que l'écrit était né de l'image et utilisait l'espace là où la parole recourait au son, mais qu'il avait en quelque sorte été capturé par la parole avec le passage au phonétisme où les signes traduisaient les sons*" (*Les métamorphoses...*, pág. 226).

Os últimos anos da vida de Henri-Jean Martin foram ocupados, em boa parte, com duas ideias nucleares: a construção do livro-objecto em função dos hábitos de leitura e a integração da História do Livro no campo científico das Comunicações Sociais. Tentarei, em poucas palavras, sintetizar o essencial destas questões.

Quanto à primeira:

Em todos os tempos, a reprodução de textos fez-se, de alguma maneira, em obediência ou em articulação com a leitura. Até ao aparecimento do livro impresso, prevalecia a leitura em voz alta, com base num texto corrido, sem espaços entre as palavras, sem sinais de pontuação, por vezes com múltiplas abreviaturas que eram desenvolvidas ao longo da leitura, do tipo do etc. que hoje lemos sem hesitação como *et cetera*. Com a tipografia, foi necessário, pouco a pouco, proceder a uma organização da página, não tanto a pensar que o texto seria lido em voz alta mas sobretudo para que fosse lido em silêncio. A relação entre os dois modelos, porém, nunca foi estabelecida rigorosamente, pois todos sabemos que ler em silêncio não exclui, de modo algum, a captação dos elementos de prosódia desse mesmo texto. Por outras palavras: lemos em silêncio mas ouvimos a voz do texto, voz bem audível, se se trata, por exemplo, de um texto de Vieira, de Camilo ou de Eça.

Ora, não só os caracteres tipográficos reflectem a oralidade do texto — e, assim, esses tipos são graduados em função da sua importância, mais corpulentos na capa ou no rosto, menos corpulentos nos títulos de capítulos, menos ainda no texto — mas também os espaços, a pontuação, o número de signos de cada linha, as páginas em branco ou a sua falta, tudo está presente no momento da concepção da página e *represente* (ou *representificado*) no momento da leitura, se bem que, nos nossos dias, seja frequente haver um divórcio marcado entre o *designer* gráfico encarregado da paginação e o desprevenido leitor que inconscientemente se recusa à leitura, não por culpa sua, antes por culpa do paginador que nunca se colocará na posição de leitor.

Quanto à segunda:

É fora de dúvida que a História do Livro, tal como Henri-Jean Martin a teorizou e a praticou, tem vivido, não direi de costas voltadas, mas em coabitação difícil com a História dos *Media*. Quem tenha acompanhado as disciplinas históricas dos cursos superiores de Comunicação Social (ou — na terminologia hoje corrente — de Ciências da Comunicação) verifica que os temas relacionados com o Livro não entram minimamente nas cogitações dos responsáveis por esses cursos. Em Portugal, como em muitos outros países, tem sido hábito desenvolver os estudos de História do Livro no

âmbito da História Cultural, o que — reconhecamos — vem contribuindo para tornar cada vez mais sólido o seu ensino.

Justamente por isso, foi com enorme curiosidade que alguns discípulos e leitores de Henri-Jean Martin tomaram boa nota do aviso que o mestre lhes deixou em dois dos seus últimos textos: em 2003, no verbete «Histoire du Livre», redigido para o 2.º volume do *Dictionnaire encyclopédique du Livre*; e de novo em 2004, nas últimas páginas das *Métamorphoses du Livre*. Citemos as suas palavras, extraídas do *Dictionnaire*: “*Cependant, le grand probleme est plus que jamais celui d’un élargissement des perspectives. L’Histoire du Livre constitue, après tout, un aspect de l’Histoire des Communications Sociales. Et sa défense passe désormais par une comparaison des effets de la réception des différents médias. La réflexion sur le livre et son histoire devrait donc continuer d’évoluer en même temps que la société et s’intégrer en fin de compte aux sciences cognitives, avec tout ce que cela comporte de pluridisciplinarité*” (vol. 2.º, pág. 478).

Pelo que diz respeito às novas maneiras de ler, criadas pela tecnologia digital, depois de lembrar que “*la présentation actuelle de l’écrit représente l’héritage de millénaires d’expérience*”, Henri-Jean Martin chama a atenção para a necessidade de se evitar uma situação semelhante à que sucedeu ao aparecimento da imprensa, “*où les pratiques antérieures ont été plus ou moins éliminées et où les nouveaux usages se sont très lentement constitués*”. É claro — acrescenta — que às mudanças técnicas a que assistimos seguir-se-á uma inelutável revolução das práticas de leitura, mas será conveniente não desaproveitar o que está para trás, “*au moins en ce qui concerne le livre-papier dont je ne crains pas la disparition*”. E, a terminar: “*Ce n’est pas là un problème d’usage, mais de structure de la pensée, et cela d’autant plus que nous sommes en présence d’une situation où les nouveaux médias correspondent à l’invasion de nouvelles pratiques de communication basées sur une culture de l’émotion et sur l’appel à l’inconscient, par exemple avec l’usage du subliminal. Cela forgera d’autres mentalités*” (*Les métamorphoses...*, págs. 287-288).

“Outras mentalidades”..., outras maneiras de ver, de ler e de comunicar. A História do Livro continua.

(Comunicação apresentada à Classe de Letras
na sessão de 10 de Janeiro de 2008)